

A ATITUDE HUMORÍSTICA: PODERÁ O PSICANALISTA SER VIZINHO DO COMEDIANTE?

Pedro Job¹

«Todos, ou quase todos, os grandes cómicos do cinema mudo tinham feito o seu tirocínio nos espectáculos de vaudeville — um parente americano do nosso teatro de revista. É possível que a obsessão dos cómicos pelo acto de cair revele o desejo de transmitir a seguinte ideia: a queda não é assim tão trágica, a dor não é assim tão assustadora. E o mais interessante talvez seja o facto de essa ideia só se obter através deste paradoxo: normalmente, os cómicos que exibem as limitações do corpo são os que têm maior habilidade física. A queda mais cómica só está ao alcance do acrobata mais apto. O corpo mais trapalhão tem de ser forçosamente o corpo mais ágil.

Ou seja, o cómico esforça-se para ser o mais competente a falhar. Ele é, em resumo, o melhor a ser o pior. Eis uma boa definição» (Pereira, 2024, p. 111).

O seguinte exercício propõe uma coisa relativamente obscena: será que o comediante pisa terrenos comuns aos do psicanalista? Terá o ofício do comediante, sobretudo na *atitude* que transporta para a observação, pontos de contacto com a Psicanálise? O elemento profano nesta proposta remete, claro está, para o contacto com o sofrimento — responsabilidade ética que o comediante nunca terá. A proposta de analogia terá por isso algo de funambulismo, pela delicadeza da façanha. Procuraremos fazê-lo com precisão e equilíbrio ao longo de seis pontos. Incidiremos sobre alguns pressupostos gerais da Psicanálise, opondo-os à *stand-up*, a forma de comédia mais crua e despojada.

¹ Psicólogo Clínico e Membro Candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). *E-mail*: pedrojob@gmail.com

1. O OFÍCIO DA FALHA

Jerry Lewis, um dos maiores comediantes norte-americanos de sempre, disse que a premissa da comédia é abordar «uma pessoa em apuros». A proximidade entre a comédia e a tragédia está na representação da violência inerente ao sofrimento. Mas usar humor pode também ser uma afirmação de vida, por vezes através dessa violência. No livro *The Total Film-Maker* (1971), Lewis sugere que a comédia é pouco mais do que «o tecido da sobrevivência da vida» (p. 176), uma acção contra o sofrimento e a experiência de falha ou derrota.

O humor autodepreciativo, uma das modalidades humorísticas mais comuns, foca-se na falha e no erro humanos, algo inerente à prática psicanalítica. Com frequência, a manifestação psicopatológica caracteriza-se pela excessiva seriedade e perda de liberdade psíquica. Embora seja contrário ao papel do analista a premissa de ofender o paciente, a ponderada contestação das suas convicções não o é. Numa profissão em que o erro é o caminho, no sentido em que pretender apressadamente compreender uma subjectividade alheia não é a melhor política, e falhar ensina-nos muito mais do que acertar, o psicanalista tem na sua experiência uma permanente incerteza. Sentir-se sem margem para o erro é condição permanente. Porém, estamos em crer que se tem tornado um pouco mais difícil. O que parece ter mudado, olhando para a contemporaneidade e a sua inerente volatilidade, é a redução da tolerância à falha. E sem falha, não há mente nem sonho.

2. UMA ÉTICA DE OPOSIÇÃO

O comediante aloja-se naquele limite do absurdo trágico da vida e transforma-o magicamente no seu contrário. É como uma ética de permanente oposição, no sentido de afirmar liberdade perante a seriedade do sofrimento, de reivindicar o direito de ofensa do mesmo. Assim, a passagem de Ricardo Araújo Pereira (RAP) sobre a queda encerra algo útil à prática psicanalítica. Não insinuamos que o psicanalista mais competente será aquele que tombou de modo mais aparatoso, necessariamente. Longe vão os tempos de reverência ao homem trágico. Contudo, esperamos dele que saiba sobre a *importância* da queda. E se ele tiver caído e seguido retroactivamente os seus dolorosos passos, talvez possa ter aprendido com a experiência e reforçado

a sua barreira de contacto. Confiaríamos mais nele por isso? Porventura, mas sabemos que não funciona bem assim. A tentação é sempre a idealização. Usamo-la ao peito, por vezes de forma velada: «*o meu analista não tem falhas* — e nem eu, por sinal». Nesse sentido, precisamos de um psicanalista que caia, apenas não em cima de nós.

3. DESDOBRADO

Para RAP, a espontaneidade do comediante «é, quase sempre, apenas aparente. E que é tanto mais persuasiva quanto melhor for fingida» (2023, p. 10). O mesmo não acontece em psicanálise, onde não só não se fingem sentimentos, como estes são sublinhados enquanto pedra de toque da subjectividade do paciente. O analista vive assim *desdobrado* de forma diferente do comediante: embora esteja do lado do paciente e *afectado* por ele, permanece diferenciado, crítico e pensante. Isto constitui a irreduzível assimetria do encontro terapêutico, fixando o foco do analista no Outro, o paciente.

O foco do comediante é igualmente o Outro, mas de modo deliberadamente sedutor. Contudo, alguns comediantes usam uma técnica designada de *deadpan*, caracterizada pela utilização intencional de uma expressão sem emoção ou variação de linguagem corporal, para contrastar com o ridículo do assunto apresentado. Pereira afirma: «o sentimentalismo é inimigo — talvez o maior inimigo — do humor. [...] Sei que certos espíritos ficarão desconsolados com a ideia de que o humor possa ser isto, uma coisa que não edifica nem destrói, mas creio que a disposição humorística é avessa a grandes aspirações, e inclina-se a considerar pretensiosa — e até ridícula — a intenção de edificar ou destruir. Tanto o que julga ter a missão de edificar como o que se sente habilitado para destruir estão forçosamente convencidos da sua própria importância. E parecem incapazes de conceber que, entre a edificação e a destruição, há várias outras atitudes possíveis e estimáveis» (2023, pp. 22–23). Também o analista se abstém de arrogâncias sobre o resultado do processo terapêutico. Mas além de não decretar credos, a sua atitude não é tão amoral ou relativista. Basculante, o analista pende num plano de liberdade, com uma atenção flutuante frente aos seus pressupostos teóricos, objectivos, e até «sem memória e sem desejo». Assumindo a existência e premência de um inconsciente sem espaço e sem tempo, ele encontra na observação neutra uma posição natural.

4. ASSUMA-SE O PARADOXO

Apesar de o trabalho analítico incidir sobre o sofrimento, mas até por causa dele — somos também a dor que sentimos —, vale a pena não perder o ânimo. Essa é a linha do comediante. O humor é uma forma de «admissão *festiva* de uma derrota» numa oposição às «mensagens dos livros de autoajuda, o rigoroso inverso do lema da pandemia: é dizer que não, não vai ficar tudo bem. E retirar disso uma espécie de contentamento» (Pereira, 2023, p. 20). Mas aquilo que RAP considera um paradoxo o psicanalista usa diariamente no seu cinto de ferramentas. A mente dinâmica é paradoxal, e assim funciona até ao fim dos nossos dias. Esse psicodinamismo distingue-nos: sabemos que vamos morrer e por isso nos rimos.

5. SALSICHAS OU A VERDADE?

Um supervisor dos primeiros tempos de formação de um colega estrangeiro ter-lhe-á dito sobre a instrução no início de um processo analítico: «É sempre melhor se não disser aos pacientes muita coisa. Não queremos dizer como é que as salsichas são feitas, não é verdade?» (Daniels, 2023, comunicação pessoal) — o que insinua que o processo se pode tornar feio, doloroso, às vezes quase insustentável. O humorista, por seu turno, enfatiza o uso d'A Verdade, que é manipulada e manipulativa. Persuasivo que possa ser, o analista não manipula. Pelo sofrimento que está implicado, talvez os pacientes não precisem ou não queiram saber de tudo o que poderá acontecer ao longo de um processo psicanalítico. Porém, sabemos que a verdade os beneficia. E imaginamos que, sabendo o que os espera, uma boa porção deles provavelmente não regressaria para um segundo encontro.

6. O PRIVILÉGIO

O privilégio do bobo é uma convenção atribuída ao comediante, que o salvaguarda — ou devia salvaguardar — de ser punido pelas coisas que diz enquanto se encontra no seu ofício. Tanto não assiste o analista, mas, sim, o paciente. É-lhe garantida carta branca para *dizer* o que bem entender, sem risco de punição. Só assim estará livre para, em conjunto com o analista, se ensaiar sem medo.

REFERÊNCIAS

Pereira, R. A. (2023). *Coisa que não edifica nem destrói*. Tinta da China.

Pereira, R. A. (2024). *Coisa que não edifica nem destrói, volume II*. Tinta da China.

Lewis, J. (1971, 2021). *The Total Film-Maker*. Random House.

NOTA

O presente artigo não segue o Acordo Ortográfico de 1990.